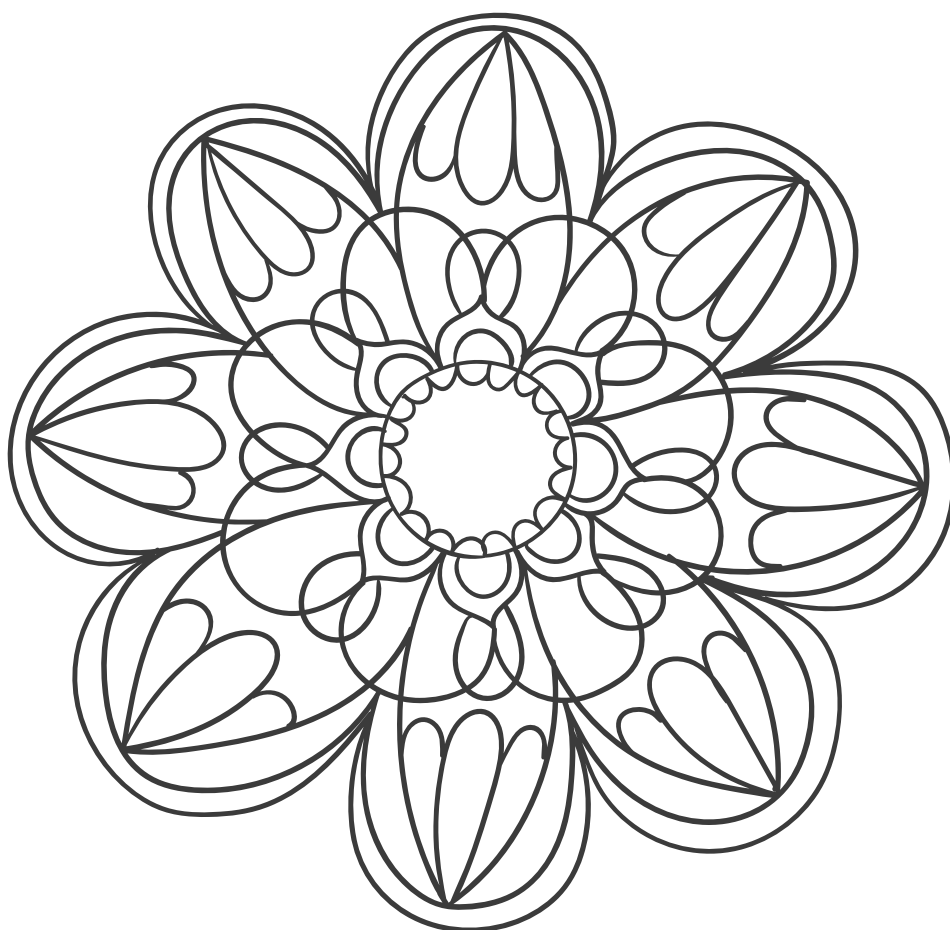


Atravessamentos de gênero, corpos e sexualidades:

LINGUAGENS, APELOS, DESEJOS,
POSSIBILIDADES E DESAFIOS...





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

Reitora

CLEUZAMARIA SOBRAL DIAS

Vice-Reitor

DANILO GIROLDO

Chefe de Gabinete

MARIA ROZANA RODRIGUES DE ALMEIDA

Pró-Reitores

Graduação - PROGRAD

DENISE MARIA VARELLA MARTINEZ

Pesquisa e Pós-Graduação - PROPESP

EDNEI GILBERTO PRIMEL

Extensão e Cultura - PROEXC

LUCIA DE FATIMA SOCOOWSKI DE ANELLO

Planejamento e Administração - PROPLAD

MOZART TAVARES MARTINS FILHO

Infraestrutura - PROINFRA

MARCOS ANTONIO SATTE DE AMARANTE

Assuntos Estudantis - PRAE

VILMAR ALVES PEREIRA

Gestão e Desenvolvimento de Pessoas - PROGEP

RONALDO PICCIONI TEIXEIRA

EDITORA DA FURG

Coordenador Editora, Livraria e Gráfica

JOÃO RAIMUNDO BALANSIN

Chefe Divisão de Editoração

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

A882 Atravessamentos de gênero, corpos e sexualidades : linguagens, apelos, desejos, possibilidades e desafios... / Organizadoras Paula Regina Costa Ribeiro, Elenita Pinheiro de Queiroz Silva, Filomena Teixeira. Rio Grande: Editora da FURG, 2015. 248 p.

ISBN: 978-85-7566-385-1

1. Educação - Sexualidade 2. Educação - Práticas educativas 3. Corpo 4. Gênero 5. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa Org. II. Silva, Elenita Pinheiro de Queiroz Org. III. Filomena Teixeira Org.

CDU 37:613.88



SUMÁRIO

1. La noción de cuerpo en una clase de Biología. Tensiones y reflexiones a partir de un estudio de caso	19
Eduardo Alen Tripailaf Raimilla e Johanna Camacho González	
2. Mulheres, gênero e ciência: tecendo relações	41
Fabiane Ferreira Da Silva e Paula Regina Costa Ribeiro	
3. Na trilha de um atendimento médico ético e efetivo: um estudo sobre o mal estar vivenciado pelas mulheres lésbicas masculinizadas na consulta ginecológica	61
Suely Messeder	
4. Olhares cruzados: videocliques, representações e (des)igualdades de gênero.....	85
Arminda Malho e Filomena Teixeira	
5. Programa para mulheres na ciência: investigando algumas questões de gênero e ciência	97
Fabiani Figueiredo Caseira e Joanalira Corpes Magalhães	
6. Prostitución y violencia de género: Es posible educar para la igualdad en una sociedad que la pretende regular como profesión Enrique Javier Díez Gutiérrez e Eloina Terrón Bañuelos	117
7. Reflexiones y propuestas para mejorar la educación afectivo-sexual en España.....	149
Mayte Bejarano Franco e Antonio Mateos Jiménez	
8. Teoria <i>queer</i> e Educação: diálogos sobre a diferença.....	173
Neil Franco e Graça Aparecida Cicillini	
9. Territórios das Ciências e Biologia como potência transgressora à ordem dos gêneros	197
Elenita Pinheiro de Queiroz Silva	
10. Violência de gênero e políticas do corpo feminino na pintura europeia: alguns casos de estudo	219
Fernando Moreira Marques	

APRESENTAÇÃO



Paula Regina Costa Ribeiro
Elenita Pinheiro de Queiroz Silva
Filomena Teixeira
Organizadoras

Uma prática de pesquisa é um modo de pensar, sentir, desejar, amar, odiar; uma forma de interrogar, de suscitar acontecimentos, de exercitar a capacidade de resistência e de submissão ao controle; uma maneira de fazer amigas/os e cultivar inimigas/os; de merecer ter tal vontade de verdade e não outra(s); de nos enfrentar com aqueles procedimentos de saber e com tais mecanismos de poder; de estarmos inseridas/os em particulares processos de subjetivação e de individuação. Portanto uma prática de pesquisa é implicada em nossa própria vida [...]. Talvez, por isso, nossas práticas de pesquisa costumem apenas confirmar, em seus caminhos e conclusões, a justeza de que pensemos e sejamos de tal modo e não de outro (CORAZZA, 2007, p. 121-122)¹.

As palavras de Sandra Corazza descrevem a prática de pesquisa como “uma maneira de fazer amigas/os”, retratando a forma como este livro foi produzido; uma congregação de amigos e amigas do Brasil, do Chile, de Portugal e da Espanha, que na amizade aceitaram o desafio de se unirem na busca de pensar, interrogar, sentir e desejar escrever sobre os atravessamentos produzidos na contemporaneidade sobre corpos, gêneros e sexualidades.

O livro emerge a partir do projeto² aprovado no Edital Relações de Gênero, Mulheres e Feminismos, com o apoio do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI, por intermédio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República - SPM/PR e do Ministério de Desenvolvimento Agrário – MDA, com o objetivo de incentivar a produção de pesquisas e estudos relacionados aos temas relações de gênero, mulheres e feminismos na classe social, geração, raça, etnia e sexualidade.

¹ CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. p. 103-127.

² Projeto intitulado “Mulheres adultas no ensino superior: narrativas e trajetórias de alunas da Universidade Federal do Rio Grande – FURG e da Universidade Federal do Pampa – Unipampa”, coordenado pela Profa. Dra. Paula Regina Costa Ribeiro/FURG. O livro tem apoio do CNPq.

Portanto, os textos produzidos pelos/as amigos/as, estão abertos aos/as leitores/as para que “na amizade de ler com” e “na amizade de aprender com” (LARROSA, 1998, p. 179),³ possam construir e desconstruir aprendizagens sobre as mulheres e a ciência, mulheres lésbicas, educação afetivo sexual, prostituição, violência de gênero, desigualdades de gênero, teoria queer, entre outras; e que estas aprendizagens possam ser disseminadas, esparramadas, pluralizadas, subvertidas.

Na cumplicidade com todos e todas, e acreditando o que nos coloca Sandra Corraza “a prática de pesquisa è implicada em nossa própria vida”, cada amigo e amiga produziu textos comprometidos e implicados com suas pesquisas. Assim, o texto apresentado por Eduardo Alen Tripailaf Raimilla e Johanna Camacho González tem como propósito identificar a relação existente entre o tipo de crenças de professores/as de ciências acerca da ciência e do gênero. Realizaram um estudo de caso, que permitiu identificar e relacionar elementos, encontrar regularidades nos conceitos e compreender os significados sobre as crenças de ciência-gênero em um grupo de quatro professoras e um professor. Os resultados apontam que as crenças relacionadas com o modelo sensível não levam nem conta o/a estudante como um ser integral no qual confluem outros fatores além do sexo, nem os distintos tipos de diversidades; porém, o estudo evidencia uma preocupação para que o/a estudante relacione as ciências com os distintos aspectos de sua vida cotidiana. Outro aspecto apresentado foi o das crenças que sustentam a diferenciação entre os sexos, porém destacam que as meninas estão em uma situação de desvantagem, e que foram afetadas por fatores familiares. Conclui-se que, em geral, que o grupo de professoras e o professor de Ciências participantes da pesquisa possuem percepções tradicionais acerca das questões de gênero e as contribuições das mulheres em atividade científica.

³ LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Tradução Alfredo Veiga-Neto. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

O texto de Fabiane Ferreira da Silva e Paula Regina Costa Ribeiro problematiza o fato de muitas mulheres terem sido (e ainda serem) excluídas da produção do conhecimento, mesmo com as mudanças ocorridas quanto ao seu acesso à educação e ao ensino superior. A representação de quem faz e pode fazer ciência ainda é masculina! Com esse entendimento, as autoras buscam tecer relações entre mulheres, gênero e ciência na história da ciência e no contexto atual. Problematizam a participação das mulheres na ciência a partir do campo teórico dos Estudos Feministas da Ciência e Estudos de Gênero. Defendem a importância de se produzir conhecimentos sobre gênero e ciência para o desenvolvimento de ações e estratégias que visem a participação equitativa entre mulheres e homens na ciência, bem como a necessidade de introduzir uma discussão crítica de gênero na formação dos sujeitos em todos os níveis educacionais.

Suely Messeder se debruça sobre o mal-estar vivenciado pelas mulheres lésbicas masculinizadas durante consultas ginecológicas. A pesquisadora apresenta uma interlocução a partir de três direções: a) na formação da ciência ginecológica vinculada à obstetrícia; b) na interação face-a-face entre a paciente e a autoridade médica; c) na construção da subjetividade das “pacientes”. A reflexão apresentada origina-se da articulação entre a pesquisa “Masculinidades em corpos femininos” e a participação da autora na Sessão Científica intitulada “Diálogo Médico-paciente: como torná-lo mais efetivo e ético”, promovida pela SOGIBA (Associação de Obstetrícia e Ginecologia da Bahia). Messeder afirma que, de um lado, a pesquisa proporciona cotejar as narrativas das mulheres – pacientes – e, de outro lado, a palestra por ela proferida a aproximou do contexto biomédico e permitiu verificar a existência das tensões entre o atendimento supostamente universal e o atendimento a grupos específicos. Ao longo do texto, Messeder realiza um cotejamento entre a percepção das mulheres sobre o atendimento institucionalizado da anamnese e do exame médico e sua efetiva materialização. Ela finaliza seu texto assinalando para a necessidade de se investir em estudos e em práticas que possam refinar e promover reflexões para além do entendimento do corpo da mulher como um mero

sistema reprodutor feminino. Certamente, nesse sistema a ideia do prazer é desprezada em prol da reprodução heteronormativa, onde habitualmente repousam as atividades curriculares dos cursos de graduação.

Arminda Malho e Filomena Teixeira apresentam um estudo evidenciando a existência de conexões entre videocliques e (des)igualdade de gênero. Organizando e gerindo os tempos letivos dedicados à implementação da educação sexual em meio escolar, as autoras analisaram e questionaram o conteúdo de quatro videocliques, utilizados em contexto de sala de aula. O olhar crítico sobre cada um dos videocliques tomados como objeto de análise permitiu corroborar a ideia de que veiculam mensagens de sexualidade e gênero e são responsáveis por imagens e modelos mentais que condicionam atitudes, influenciam comportamentos e ditam modas. Em face da premência de capacitar os e as jovens para reconhecerem as representações sexistas incorporadas nos videocliques, identificando-as e compreendendo o seu significado, recomendam novas formas de integrar a perspectiva de gênero nas atividades educativas.

O texto de Fabiani Figueiredo Caseira e Joanalira Corpes Magalhães tem como objetivo analisar as publicações presentes no site da Academia Brasileira de Ciências (ABC), referentes às mulheres cientistas premiadas pelo Programa “Para Mulheres na Ciência” do ano de 2013, que emerge da parceria entre a ABC, L’Oreal e a União das Nações Unidas pela Educação e Cultura (UNESCO). Para produção dos dados, foi utilizado o material disponível na página da ABC (www.abc.org.br), analisando-os através da metodologia de investigação narrativa, ancoradas nos entendimentos de Larrosa. Essa premiação é a primeira a surgir no Brasil, premiando sete mulheres a cada ano, desde 2006, com o objetivo de ceder espaço, incentivar e apoiar a participação feminina no cenário científico. Nas análises tecidas, as autoras buscam as condições que possibilitaram a emergência da premiação a partir de um contexto histórico, político e cultural do país, além de discutir as representações produzidas acerca da mulher na ciência.

Enrique Javier Díez Gutiérrez e Eloína Terrón Bañuelos refletem sobre a prostituição, que consideram não ser a mais antiga “profissão” do mundo, mas a exploração, a escravatura e a violência de gênero mais antiga que os homens inventaram para submeterem e manterem as mulheres à sua disposição sexual. Problematizam o fato de serem sobretudo homens e “empresários” de prostíbulos a financiar generosamente “correntes de opinião”, que reclamam a necessidade de “regular” a prostituição de mulheres. Isto é, converter essa violência numa profissão para as mulheres. Questionam como poderemos educar para a igualdade numa sociedade em que as meninas saberão que, no seu futuro, podem vir a ser prostitutas, e os meninos saberão que as podem usar para seu deleite sexual, caso tenham dinheiro suficiente para lhes pagar.

Para Mayte Bejarano Franco e Antonio Mateos Jiménez, a educação afetiva e sexual é um dos conteúdos fundamentais da educação para os valores, constituindo-se como um “termómetro” do grau de compromisso educativo com cidadãos e cidadãs do futuro. No seu capítulo, analisam a situação da educação afetiva e sexual na nova Lei Educativa de Espanha (LOMCE), concretamente durante o período de escolarização Infantil (desde os 3 anos) e Primária (6-12 anos). A sua análise recai sobre a identificação e estudo de conteúdos recolhidos em diversos documentos institucionais, onde se inclui a legislação, diferentes textos pedagógicos e outros materiais de uso docente. Ao final, apresentam propostas de atuação com vistas a integrar a educação afetiva e sexual no currículo escolar, num mundo que exige a equidade e igualdade de género.

O texto de Neil Franco e Graça Aparecida Cicillini assenta na formulação da teoria queer. Defendem que a teoria propõe novas formas de análise e compreensão das identidades dissidentes, preferindo pensá-las como vivências que atravessam, transgridem, transitam ou permanecem nas fronteiras do gênero e das sexualidades. Conceber tais identidades como uma forma múltipla e dinâmica de problematização dos campos identitários, bem como dimensioná-las nos mais variados campos da vida social, constitui o maior interesse do texto. Dentre os campos,

apontam para Educação escolar, lugar onde trilham suas reflexões. Propõem com o texto em tela contextualizações acerca do conceito de diferença enquanto dimensão subversiva que invade o contexto escolar. Neste sentido, discorrem sobre a escola como um espaço de reprodução e manutenção dos princípios hegemônicos e responsáveis pelas hierarquizações do gênero e das sexualidades pré-determinadas, não isentando, contudo, possibilidades de que do seu interior essas hierarquizações possam ser postas em suspensão, compreendidas, analisadas e reconstruídas.

Elenita Pinheiro de Queiroz Silva problematiza a naturalização de modos de pensar e agir de mulheres e homens, e defende que essa termina por configurar os modos como eles e elas estabelecem relações entre si e com os outros. Para a autora, os processos de naturalização de modos de agir, ser e pensar é uma das estratégias que produz efeitos sobre os sujeitos, os grupos e as sociedades. Essa estratégia tem sido operada, dentre outros espaços, no espaço escolar, via disciplinas escolares. O texto, ao colocar em cena as disciplinas de ciências e Biologia, o faz tensionando as noções de sexo, de gênero e de sexualidade que circulam via tais disciplinas, no contexto escolar. Com isso, o capítulo assinala para as disciplinas escolares como território de divulgação e produção das ideias de sexo, gênero e sexualidade hegemônicas - binárias e coladas à matriz heterossexual, e aposta que esse território apresenta potencialidades para outras configurações discursivas acerca da ideia de sexo, de sexualidade e de gênero.

Fernando Marques realça o fato da violência de gênero ter assumido múltiplas formas ao longo da história, algumas mais visíveis, outras mais insidiosas, mas sempre com raízes e ramificações no campo da produção cultural. Pelo seu poder simbólico, algumas imagens e representações artísticas tendem a naturalizar modos de ver culturalmente hegemônicos, exercendo influência sobre atitudes e comportamentos que normalizam a violência sexista e heteronormativa. Apresenta e analisa alguns casos paradigmáticos da pintura européia que se constituíram em cultura visual dominante, partindo das

seguintes questões: quais são os motivos e as marcas visuais desses discursos artísticos? Quais as raízes da ideologia que os impregna? De que forma contribuem para uma política do olhar e do desejo que opera a objetificação dos corpos? Como alimentam um substrato cultural que legitima a violência de gênero e impede as manifestações corporais da diferença?

O conjunto de textos apresentados nesta obra coloca, interrogações, proposições, acontecimentos; mas sobretudo, a possibilidade de “exercitarmos a nossa capacidade de resistência (acrescentamos recusa) e de submissão ao controle” no ato mesmo de fazer pesquisa, de produzir conhecimentos.

Vivemos na atualidade tempos de movimentos de atuação e controle perverso dos corpos, do gênero e das sexualidades. Tempos que nos colocam perante a possibilidade do desmanche e desmonte de todas as conquistas democráticas. Tempos no Brasil da chamada “ideologia de gênero”, que se nutre da circulação discursiva que ataca perversamente sujeitos humanos.

A intenção com este livro é possibilitar questionamentos, impulsionar e provocar efeitos sobre os corpos a fim de que estes alimentem-se da recusa às formas dadas e lacradas das experiências com a vida, para que possam enfrentar os ditames de setores conservadores que ampliam as suas redes nas diversas instâncias sociais. A esperança é a de que os escritos possam provocar as sensibilidades, e, assim encantar e possibilitar o impensado, o não dito. Deste grande desejo se fizeram os textos com o que o conjunto de autores e autoras nos brindam. Boa leitura!

Paula Regina Costa Ribeiro
Elenita Pinheiro de Queiroz Silva
Filomena Teixeira
Organizadoras